

NOSSO TEATRINHO

TIA CANDINHA. -

HISTORIA E REALIZAÇÃO DE E. CRAMER.

PERSONÁGENS:

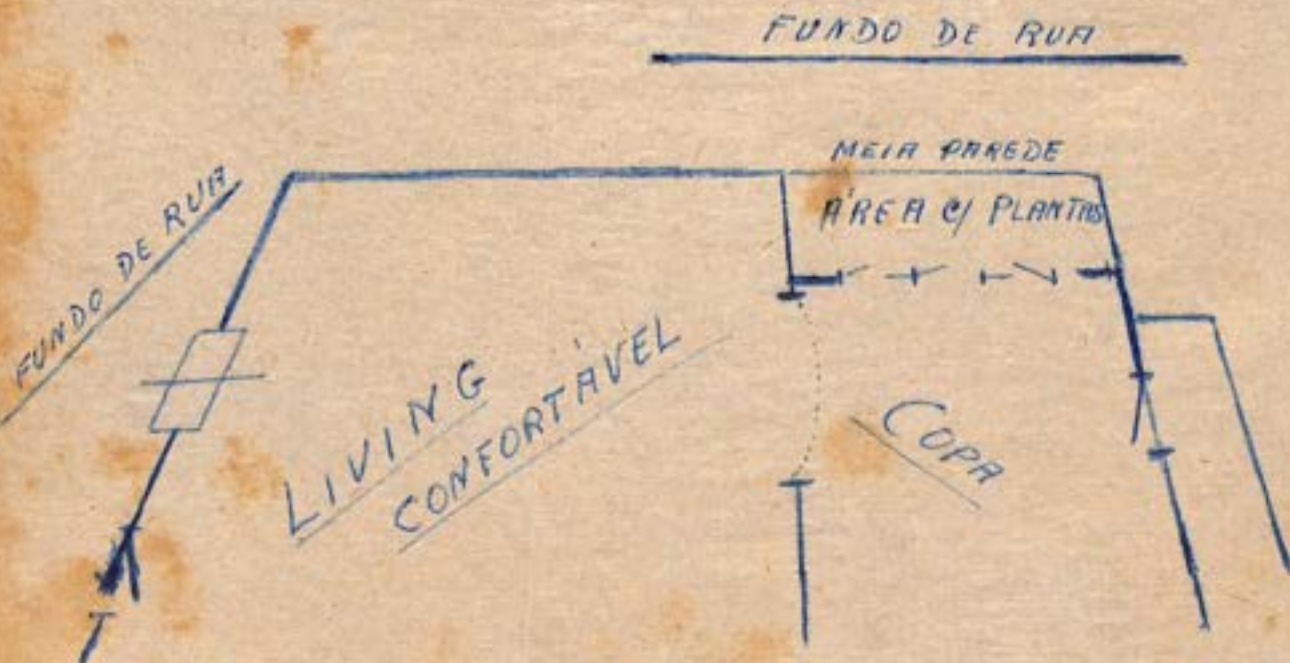
SUELY..... ~~LOURDES HELENA~~
ALFREDO..... ~~ANTONIO DIAS~~
Gêgê..... Sidney, ~~FRANCO VITTA~~
Cantídia..... ~~Maria Lúcia~~ Paula Shell
Candinha..... ~~Paula Shell~~ Juraci Pinto

CENÁRIOS:

- 1º) - Living confortável, ligado a uma sala de refeições que pode ser uma copa de fórmica, com geladeira, etc., com porta de saída para área à direita.
2º) - Recanto bonito de parque, com banco

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 27.11.60

TV PIRATINI - CANAL 5



TIA CANDINHA
HISTÓRIA E REALIZAÇÃO
DE ÉRICO CRAMER

.....

SLIDES:

- 1º) TV PIRATINI apresenta
- 2º) em NOSSO TEATRINHO
- 3º) TIA CANDINHA
- 4º) com.....
-
- 5º)
-
-
- 6º) Cenários de Emil Zselinszky
- 7º) Iluminação.....
- 8º) Sonoplastia.....
- 9º) Contra regra de.....
- 10º) Assistente Antônio R. Fagundes
- 11º) Suite.....
- 12º) História e Realização de
ÉRICO CRAMER

ÁUDIO:- PREFIXO MUSICAL

ÁUDIO - DISSOLVE

ABERTURA em DET de Mesa Redonda,
no Lív^{ing}, muito bem posta pa
ra um jantar. As mãos de Suely
entram em campo e colocam um be
lo centro de mesa com flores e
velas. Retocam as flores.

AFASTAMENTO até P.M. de Suely que
está com vestido de meia gala.
Suely dá os últimos ademanes à
sala de estar, arrumando aqui e
ali. Entra Gêgê.

GÊGÊ CAMINHA EM VOLTA DA MESA E
REPARA QUE SÓ EXISTEM DOIS LUGA
RES.

GÊGÊ - Ué, mã^{ãe}, e onde é que eu vou me
sentar?

SUELY - Lá na copa. Hoje seu pai e eu va
mos comemorar o oitavo aniversário do
nosso casamento e queremos estar sós.

GÊGÊ - (aborrecido) Ah é?! E eu que jan
te sósinho lá na copa, não é? Por acaso
eu não faço parte da família? Sou algum
engeitado?

SUELY VEM A ELE E O ACARICIA.

CORTE.

P.A. de SUELY e GÊGÊ

SUELY - Não, que esperança! Você é o nos-
so filho querido. É só porque queremos
estar em maior intimidade, entende?

GÊGÊ - Já sei. Querem se abraçar e se be-
jar e não querem que eu veja. Pois então
fique sabendo que eu estou cansado de es-
piar.

SUELY - Ah é? Pois então saiba que isso
é muito feio e não se faz.

CORTE

P.P. de SUELY, fingindo severidade

SUELY - E agora vá para o seu quarto e
trate de aprontar os seus deveres que
não demora muito seu pai chega aí e nós
vamos jantar.

CORTE

P.P. de GÊGÊ.

GÊGÊ - Mas se eu vou jantar sózinho, não
interessa que eu jante antes ou depois.
Na hora que eu terminar os deveres eu jan-
to.

AFASTAMENTO até enquadrar SUELY

SUELY - Nada disto que eu hoje não estou
para estar aquecendo comida para ninguém.
Depois do jantar quero que seu pai me le-
ve a uma boíte para dançar um pouco.

GÊGÊ - Boíte? Por~~á~~ que vocês não dançam
em casa, com a eletrola e do dinheiro que
vão gastar não compram uma roupa nova pa-
ra mim? A melhor que eu tenho é esta e
já está bem mixurca.

CORTE.

P.P. de SUELY, com vontade de rir,
mas contendo-se.

SUELY - Está bem, Gêgê, nós vamos dançar
em casa e vamos lhe comprar uma roupa no-
va. Mas agora vá dum vez terminar seus
deveres para não estragar o meu jantar.

PAN. HOR. acompanha GÊGÊ que sai
para a copa e da copa sai pela câ-
mera.

CORTE

P.A. de SUELY, olhando na direção
em que ele saiu.

Sueley
GÊGÊ - Ele tem que dar palpite em tudo.
Nunca vi.

PAN. HOR. acompanha
SUELY.

SUELY COMEÇA NOVAMENTE A ARRUMAR
TUDO, BOTANDO LUGAR PARA GEGE NA
MESA DA COPA.

CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE.

SUELY VAI AO TELEFONE ATENDER.

PAN HOR. volta com
SUELY

SUELY - Pronta. É a Suely, sim, quem fa
la aí? (Pausa) Ah, como vai? (Pausa) Ah
muito obrigada. Como 'é que você foi se
lembrar? (Pausa longa) Não, não, ainda
não veio, mas não deve demorar. Queria
falar com êle? (Pausa) Está muito bem,
eu transmito o abraço, obrigada. (Pausa)
Obrigada, Laura, e que vocês vejam.
Adeusinho, obrigada.

PAN. HOR. acompanha SUELY

SUELY DESLIGA O TELEFONE E VAI TERMI
NAR DE ARRUMAR O LUGAR DE GEGÊ. GEGÊ
ENTRA EM QUADRO, VINDO DE DENTRO.

P.A. de GEGE e SUELY

GEGE - Era o pai, mãe?

SUELY - Não Gêgê, não era o pai.

GEGE - Quem era, então?

SUELY - Tudo você quer saber. Era a Lau
ra Ramos. Por que?

CORTE

P.P. de GEGE

GEGE - Nada. Se fôsse o pai eu ia pedir
pra ele me trazer uma caixa de lapis de
côr, que eu tenho que fazer um desenho
pra amanhã que a professora mandou.

CORTE

P.P. de SUELY

SUELY - É só a esta hora, quando ele
já saiu do escritório, é que você se lem
bra? Por que não telefonou para ele an
tes?

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

GEGE - Porque só agora, quando eu fui
fazer o desenho é que eu vi que só ti
nha uns toquinhos. Mas não faz mal, eu
estou fazendo assim mesmo.

GÊGE SAI DE QUADRO E SUELY RECOMEÇA O SEUS APRONTES, TERMINANDO-OS.

CORTE.

DET. da PORTA da rua, à esquerda.

ENTRA ALFREDO, DIRIGINDO-SE A SUELY E BEIJANDO-A NA TESTA.

PAN.HOR. acompanha ALFREDO

ALFREDO - Boa noite, querida.

SUELY - Boa noite Alfredo.

P.A. dos DOIS

ALFREDO - Que é que há? Vamos jantar aqui e só nós dois? Por que? O Gêgê foi pra casa da tua mãe?

SUELY MOSTRA O LUGAR DE GÊGE NA MESA DA COPA.

SUELY - Não, ele vai jantar ali.

ALFREDO TIRÁ O CASACO E BOTA NAS COSTAS DE UMA CADEIRA.

ALFREDO - Por que? Está de castigo? Fez alguma arte?

SUELY - Não, mas você sabe como ele incomoda a gente na meza e eu hoje quero jantar com tranquilidade.

ALFREDO - E você acha que ele vai se conformar em ficar separado?

SUELY - Já se conformou. Eu disse a ele que a comemoração deveria ser só nossa e ele aceitou a razão. Só não quer que vamos dançar na boite. Acha que a gente deve ligar a eletrola, dançar em casa e do dinheiro que ia gastar na boite comprar uma roupa nova para ele.

ALFREDO RI E SAI PARA O BANHEIRO

ALFREDO - Essa é boa.

PAN.HOR. acompanha ALFREDO.

CORTE

P.A. de SUELY, cuidando a porta e se aproximando do casaco.

SUELY COMEÇA A REVISTAR O CASACO DE ALFREDO E A VER PAPEL POR PAPEL. NO BOLSO DE DENTRO ENCONTRA UMA CARTA FECHADA PARA ELA. LE O ENVELOPE/.

SUELY - Senhora Suely Tavares Vergado.
(P.) Que engraçado, não conheço a letra.

VIRA A CARTA E LE NAS COSTAS.

SUELY - Remetente, Cândida Lopes - Passo do Boqueirão - Município de Bom Retiro.
(pensando) Cândida Lopes... Cândida Lopes... (lembrou) Ah, já sei. A tia Cândi nha. A célebre tia Candinha, a ricaça. Como é que eu não atinei logo? Que será que ela quer? Nunca me escreveu, nunca apareceu aqui para me visitar... eu nem sequer conheço a cara da velhota. (vai abrir mas no momento de rasgar o envelope se lembra e recua) Ah, não posso abrir. Tenho que esperar que o Alfredo me entregue a carta, senão ele vai ver que andei mexendo nos bolsos dele.

FICA BATENDO COM A CARTA NA MÃO E PENSANDO

SUELY - E o Alfredo é esquecido que é um caso sério! É capaz de esquecer que tem a carta no bolso e eu estou aflita para saber o que tia Candinha manda nos dizer.

CORTE.

P.P. de SUELY, pensando um momento.

SUELY - Ah, já sei. Eu vou provocar para ver se ele se lembra.

SAI COM A CARTA NA MÃO ATÉ À PORTA POR ONDE ALFREDO ENTROU. PARA NA PORTA.

PAN. HOR. acompanha SUELY.

SUELY PARA PERTO DA PORTA E OLHA PARA A CARTA QUE TEM NA MÃO.

SUELY - (alto) Alguma novidade, querido?

ALFREDO - (F.Q.) Não, por que?

SUELY - Não, por nada. Eu queria saber se ninguém perguntou por mim... se ninguém me mandou nada...

SUELY PERMANECE UM MOMENTO OLHANDO O ENVELOPE.

ALFREDO - (F.Q.) Que eu me lembre, não.

SUELY OLHA PARA A CARTA E FICA DESESPERADA.

SUELY - Você tem certeza absoluta?

ALFREDO - (F.Q.) Claro que tenho. A propósito de que essas perguntas agora?

SUELY - Não, não... a propósito de nada, querido. É que você é muito esquecido, a Marilena ficou de me mandar uma receita de um soufflé muito gostoso, você podia ter esquecido no bolso, entende?

ALFREDO - ~~Não~~, (F.Q.) Não, não... a Marilena não mandou coisa nenhuma.

APROXIMAÇÃO até P.P. de SUELY, tendo uma ideia.

SUELY - Bem, mas... por via das dúvidas, quando você sair do banheiro, você vai procurar nos bolsos do seu casaco, que eu não quero mexer nele, para ver se não tem alguma coisa para mim.

ALFREDO - (F.Q.) Não é preciso, Suely. Abra a carta que você deve ter na mão, porque nesta altura você já deve ter revista do todo o meu casaco...

EXPRESSÃO DE DESAFONTO GRANDE NA FISIONOMIA DE SUELY, QUE FALA MAIS PARA DIZER ALGUMA COISA DO QUE MESMO PARA SE DESCULPAR.

SUELY - Eu, Alfredo, que corajem!...

ALFREDO - (F.Q.) Dou a minha cabeça a cortar se você já não tiver encontrado a carta que tem para você no meu bolso de dentro.

DET. de CARTA na mão de SUELY

AFASTAMENTO até P.M. de SUELY,
~~XXXXX~~
fingindo que caminha e fazendo
mais fracos os passos para fingir
afastamento.

SUELY PARA UM MOMENTO É RECOMEÇA AO
INVERSO O RUIDO DOS PASSOS. SORRI.

SUELY - (alto) Que bolso você disse que es
tá que eu não encontro a carta?

ALFREDO - (P.Q.) Ora, Suely, deixe de fazer
cenas. Leia a carta de uma vez que você já
deve estar com ela na mão ha horas.

SUELY - Eu com a carta na mão, Alfredo? Co
mo você é injusto.

SUELY VAI FALANDO E ABRINDO A CARTA.

SUELY - Vocês, homens, são muito injustos.
Eu devia proceder como você imagina porque
então não receberia a fama sem proveito.

Diga onde está a carta, Alfredo. Eu não sei.

COMEÇA JUSTAMENTE A LER A CARTA. ALFRE
DO ABRE A PORTA, INESPERADAMENTE, DE CAL
ÇA, CAMISETA DE FÍSICA E DE PENTE NA MÃO.
APONTA PARA A CARTA QUE SUELY TEM NA MÃO.

ALFREDO - Está aqui.

SUELY LEVA UM SUSTO, OLHA PARA ELE DESA
PONTADA, SEM SABER O QUE DIZER E COMO ELE
ACHA GRAÇA E COMEÇA A RIR, ELA RI, TAMBEM,
MEIO DESAPONTADA.

ALFREDO - ~~Você~~ Abelhuda. Você pensa que se
eu tivesse alguma coisa contra mim, que eu
ia trazer pra casa, dentro do bolso? Não, mi
nha querida, numa assim você não me pega.
Perca a esperança. (TOM) Mas vamos ver o que
diz sua tia. É a ricaça, não é?

CORTE

P.A. da CENA

SUELY SACODE AFIRMATIVAMENTE A CABEÇA,
OLHANDO A CARTA. COMEÇA A LER.

SUELY - Prezada sobrinha Suely.

CANDINHA - (F.Q.) Pela primeira vez es
crevo a você e para lhe dar uma notícia
que talvez não lhe cause grande alegria
- e talvez até lhe dê contrariedade -
mas se fôr esse o caso, peço-lhe, desde
já, que tenha a máxima franqueza comigo
e me passe um telegrama dizendo assim:
Tia Candinha, reservei lugar para a se
nhora em tal hotel. Valeu? Assim como
eu tomo a franqueza de dispor da sua ca
sa para me hospedar por um tempo grande,

CARA DE DESAGRADO BEM ACENTUADO POR PAR
TE DE ALFREDO.

CANDINHA - (sem interromper) quero que
você use da mesma franqueza, caso lhe de
sagrado a minha resolução. Não tenho, aí
na capital, ninguém a não ser você e como
desejo sair do isolamento da fazenda pa
ra terminar a minha vida no convívio de
gente, pretendo ficar, por experiência,
uns seis ou oito meses na sua ca se.

EXPRESSÃO DE HORROR POR PARTE DE ALFREDO.

SUELY LEVANTA A CABEÇA PARA ELE E VOLTA

A CARTA.

CANDINHA - Se nos dermos bem e nos acer
tamos direitinho, eu talvez, até, fique
morando definitivamente ~~em~~ com vocês e
lhes possa dar muita coisa em retribu
ção ao carinhoso agasalho que vocês de
rem a uma velha solitária. Fico esperan
do qualquer aviso de vocês até o dia 27
do corrente, quando embarcarei. Um abra
ço a você e outro ao seu marido.

CORTE.

P.P. de SUELY, lendo o final da carta.

SUELY - Da tia que deseja conhecê-los e estimá-los, Candinha.

SUELY OLHA PARA O MARIDO SEM DIZER NADA, AGUARDA O PRONUNCIAMENTO DELE.

CORTE.

P.P. de ALFREDO

ALFREDO - E agora? Como é que a gente vai sair desta?

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS

SUELY - (admirada) Você não quer que ela venha? Você não vê que ela está nos acenando com uma fortuna de milhões e milhões, Alfredo? Acorde.

ALFREDO - Pois é, mas a gente vivia tão feliz os três sósinhos...

SUELY - (corta) Sim, feliz mas trabalhando como mouros, você e eu. Não, meu querido, si eu puder ter uma empregada, estarei mais feliz e duas muito mais ainda. Não custa experimentar. Vamos passar um telegrama para ela, amanhã, dizendo que venha o quanto antes que nós a receberemos com os braços abertos.

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA DA RUA

ALFREDO TORNA A ENTRAR NO BANHEIRO E

SUELY VAI ATENDER A QUEM ESTÁ BATENDO.

PAN. HOR. acompanha SUELY. Ela abre a porta e se vê uma velhinha muito simpática, de óculos e chapéu na cabeça e com um pacote grande de roupas num braço e umas flores na outra. (Está oferecendo flores para vender)

P.A. de CANTIDIA e SUELY

CANTIDIA - Boa tarde, minha senhora, ou boa noite se quiser, não é assim?

SUELY - Boa noite. A senhora é que é a tia Candinha?

CANTÍDIA TIRA O CHAILE DE UM OUVIDO E
VIRA UM POUCO A CABEÇA, MOSTRANDO ASSIM
QUE NÃO OUVIU MUITO BEM.

CANTÍDIA - Como foi que a senhora disse?

SUELY - (meio tom) Ai que o diabo da velha
é surda. (forte) Eu perguntei se a senhora
é que é a tia Candinha.

CANTÍDIA - Sou, sim senhora, mas como é que
a senhora sabe que o meu nome é Cantídia?

SUELY QUASI QUE PULA EM CIMA DA VELHA, ABRA
ÇA-A E BEIJA-A COM GRANDE EFUSÃO. TIRA-LHE
A TROUXA DA MÃO. PEGA AS FLORES. FAZ MISÉRIAS.

SUELY - (gritando) Alfredo, depressa, a tia
Candinha está chegando. Já sei que trouxe
essas flores para mim. Como é gentil de
sua parte. Que sentimento delicado a senho
ra revela.

CANTÍDIA ESTÁ TONTA E NÃO SABE O QUE FAZER.
POR VEZES TENTA FALAR MAS SUELY NÃO DEIXA.

SUELY - Ih, eu adoro flores. (aspira) Que
perfume maravilhoso. (faz cara de nojo)

Depois eu vou arrumá-las num vaso de cristal
tal que é onde elas ficam bem. (meia voz)
Cheiro de cera.

VAI PERTO DA JANELA E TOCA AS FLORES FORA, SEM
QUE a VELHA VEJA. SUELY VAI A CANTÍDIA, TIRA-
LHE O CHAILE DA CABEÇA E LEVA-A PARA A MESA.

SUELY - Nós estávamos lhe esperando com um
jantarsinho gostoso, gostoso. Recebeu nosso
telegrama, não recebeu? Claro que recebeu,
nós o passamos a semana passada. Mandamos
lhe dizer que estávamos aqui de braços abert
tos para a senhora. A senhora nem sabe a
alegria que nos dá. (tom) Alfredo depressa,
vem conhecer a tia Candinha. Vem ver que
simpatia que ela é. (tom) Que foi que a
senhora disse?

TIA CANDINHA - Página 11

CORTE.

P.P. de CANTIDIA, ainda tonta

CORTE

P.A. de SUELY e CANTIDIA

CANTIDIA - Não, não... eu... eu não disse nada, minha filha... eu nem falei...

SUELY - Já sei, já sei. É que a senhora está com fome; não é verdade? Viajou muitas horas, deve estar com o estômago vazio porque essa comida que fazem nos trens é uma coisa horrorosa! Ninguém pode comer. Só bicho. Mas sente-se, sente-se.

SUELY OBRIGA CANTIDIA A SENTAR NA MESA.

SUELY - Eu vou lhe servir um jantarsinho que a senhora vai adorar. Uma creme de espargos, uma maioneesinha de lagosta, um assado de lombinho com fatias de abacaxi ao natural e montanha russa como sobremesa. Eu já vou servir em seguida, eu já vou. Ah, é verdade, e vou levar a sua bagagem lá para o seu quarto que está arrumadinho à sua espera.

PAN.HOR. acompanha SUELY até onde ela fôr.

SUELY APANHA O PACOTE DE CANTIDIA E QUANDO VAI SUMINDO FALA PARA ELA COM AR DE MALÍCIA.

SUELY - Vai ganhar cama de casal, hein? Cama de casal.

SUELY SAI.

CORTE.

P.P. de CANTIDIA, muito admirada.

CANTIDIA - Eu não sei o que é que está acontecendo. Palavra de honra que eu não estou entendendo nada. Absolutamente nada. Mas ela não me deixa falar... seja tudo pelo amor de Deus!...

APROXIMAÇÃO até G.P. de CANTIDIA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

AQUI TIRA-SE A MESA

DO LIVING e tira as talheres e pratos da mesa da copa.

Atenção!
↓

↓
Auras

TIA CANDINHA - Pag. 12.

FUSÃO com P.P. de GEGÊ, com uma bola ou uma peteca na mão, a um canto do SET DE JARDIM

AFASTAMENTO até P.A. de GEGÊ

CORTE.

P.P. de CANTÍDIA, sorrindo bondosa

CORTE

P.P. de GEGÊ

AFASTAMENTO ATÉ P.A. dos DOIS.

GEGÊ - Sabe por que eu não quiz mais brincar com ele, tia Candinha? Aquela gury é muito enjoado, sabe? Ele quer fazer tudo como ele gosta e a gente tem que se sujeitar. Para. Já chega que eu tenho que obedecer o pai, a mãe, a professora, a senhora...

GEGÊ - Não, a senhora não. A senhora sempre deixa eu fazer tudo que quero. A senhora até que é muito camarada. Por isso que eu sou tão seu amigo. A mãe chega a ficar com ciume da senhora. Innda outro dia ela estava dizendo pra o pai que eu gosto mais da senhora do que dela.

CANTÍDIA - Mas não pode ser assim, meu bem. A sua mãe é a sua mãe e você tem que gostar mais dela do que de qualquer outra pessoa.

GEGÊ - Eu sei, mas também ela está sempre reclamando as coisas, a gente acaba ficando enjoado. Com a senhora não. A senhora é camarada. Faz tudo que eu quero e eu, gosto muito mais de estar com a senhora do que com a mamãe.

CANTÍDIA - Pois é, mas você precisa ter cuidado pra a mamãe não ficar com ciume de mim, porque senão ela acaba me mandando embora e pronto. Você quer que eu vá embora?

CORTE

P.P. de GEGÊ

GEGÊ - A mãe mandar a senhora embora?
Ah, não manda. Pode ficar descansada porque
ela não manda. Ela está com o olho na sua
fortuna, que eu sei.

CORTE

P.P. de CANTÍDIA, bem admirada

CANTÍDIA - Que foi que você disse?! Acho que
que não ouvi bem.

CORTE.

P.A. de GEGÊ e CANTÍDIA, ele se aproxima
do ouvido dela.

GEGÊ - Não vá dizer nada que eu disse, mas
eu ouvi a mãe dizer ao papai que toda a
sua fortuna vai ficar pra nós.

CORTE

P.P. de CANTÍDIA, muito admirada.

AUDIO - ACORDE DE SURPREZA.

CANTÍDIA - A minha fortuna?! Mas que fortuna
na se eu não tenho nada? Não pode ser, meu
filho, você deve estar fazendo confusão.

CORTE

P.P. de GEGÊ

GEGÊ - Eu não. Então a confusão quem está
fazendo é a mãe. Eu sei muito bem o que
estou dizendo.

APROXIMAÇÃO até G.P. de GEGÊ.

AUDIO - SEPARAÇÃO MUSICAL

FUSÃO com: P.P. de SUELY, lendo um
telegrama, junto à porta da rua que
ela acabou de fechar pois ainda está
entreaberta.

- LIVING CONFORTAVEL -

CANDINHA - (F.Q.) Chegarei hoje trem da
noite. Abraços, Candinha.

SUELY - Isso é uma coisa absurda. Uma bar
baridade! Uma verdadeira desmoralização.
(Projeta) Alfredo, chegue um momento aqui,
por favor. Venha ver uma coisa que você vai
cair para traz.

SUELY TORNA A OLHAR PARA O TELEGRAMA COM AR DE VERDADEIRA INDIGNAÇÃO ALFREDO VEM DE DENTRO, DO BANHEIRO, EM MANGAS DE CAMISA.

CORTE.

P.A. de ALFREDO, vindo para perto de SUELY.

PAN. HOR. acompanhando ALFREDO.

P.A. dos DOIS

ALFREDO - Que-houve Suelly? Por que me chamou.

SUELY APRESENTA-LHE O TELEGRAMA QUE

ELE AGARRA,

SUELY - Para que você veja o estado de abandono a que chegou o nosso telégrafo. Tia Candinha já está aqui conosco há mais de quinze dias e só hoje é que chega o telegrama em que nos avisa a sua chegada. Coitada, ela até deve ter estranhado que não fossemos à estação esperá-la. E tão delicada que nem nos falou no telegrama. Que vale que agora ela vai ver o telegrama e vai compreender a razão da nossa falta.

CORTE.

ALFREDO PEGA O TELEGRAMA E OLHA

P.P. de ALFREDO

ALFREDO - Não, não, mas este telegrama foi passado ontem. Deve haver qualquer coisa errada em tudo isto.

CORTE

P.P. de SUELY, pensando

SUELY - Já sei. Ela deixou alguém ~~interna~~ encarregada de passar o telegrama e a pessoa esqueceu. O_ntem lembrou e tratou de passar.

CORTE

P.P. de ALFREDO, pensando

ALFREDO - Não sei, não. O que está me parecendo é que quem fez uma enorme confusão foi você mesma, com essa coisa de não deixar os outros falarem.

FUSAO com P.P. de CANTIDIA, humilde,
e confusa ao mesmo tempo.

CANTIDIA - Mas pelo amor de Deus! Eu não consigo atinar com o motivo da sua revolta contra mim. A senhora quer fazer o favor de me explicar? Eu fiz alguma coisa errada?

CORTE.

P.A. de CANDINHA E SUELY, sentadas
noutro ângulo da mesma sala.

SUELY - Ah, coitadinha, ela não sabe, a ingênu. Comeu o meu jantar de aniversário de casamento, dormiu na minha cama, enquanto eu e Alfredo dormíamos no chão até montar um belo quarto para ela, tinha todas as nossas atenções e o nosso carinho porque julgávamos que fôsse a tia Candinha e de repente a tia Candinha nos aparece e verificamos que a senhora não passa de uma impostora. Que acha que devemos fazer? Enché-la de beijos? Nós devíamos era entregá-la à polícia agora mesmo. Não vamos fazer isto mas também a senhora vai juntar os seus trapos, aquelas micharias daqueles trapos que a senhora trouxe e vai desaparecer da minha presença, ouviu?

CORTE

P.P. de CANTIDIA, que vem até perto
das outras.

PAN.HOR. acompanha CANTIDIA.

P.A. das três.

CANTIDIA - Está muito bem, minha filha, eu vou embora, mas antes você vai me permitir explicar à sua tia que eu não sou uma vigarista e nem tentei me fazer passar por ela. Simplesmente você nunca me deixou falar.

CANTIDIA - (CONT.) Todas as vezes em que fiz empenho de esclarecer a situação, você me fazia calar, falava, falava e acabava indo e me deixando sózinha. A noite que bati aqui, vinha apenas oferecer umas flores de parafina, que eu mesma fazia para ganhar o meu sustento, visto que outra coisa eu não podia fazer. A senhora me botou pra dentro e procedeu de tal forma, que eu fui obrigada a ficar. O menino é um encanto. Afeiçoei-me a ele e depois não quis mais ir embora. Achei bom ficar. Eu era só... não tinha ninguém... Vou sentir falta dele, mas de qualquer forma agradeço à senhora os dias tão bons que passei na sua casa.

CORTE

P.A. de GEGE, na porta de dentro

GEGE - Mãe, eu estava ouvindo tudo dali. Eu não quero que a tia vá embora. E se ela for eu vou junto.

~~EXXTE~~ PAN.HOR. acompanha GEGE até onde ele vai.

GEGE VAI SE ABRAÇAR EM CANTIDIA.

SUELY - Mas meu filho, a casa é pequena, nós não temos lugar para tanta gente. Tia Candinha vai ficar conosco.

CORTE

P.P. de CANDINHA, simpática

CANDINHA- Bem, por questão de casa não tem importância. Eu já vi que esta é realmente muito acanhada e já me decidi: amanhã mesmo nós vamos procurar uma casa bem espaçosa para comprar e como eu já vi que vou me dar muito bem com o meu sobrinho, já vou botar a casa no nome dele.

GEGE - Oba! Então se a casa é minha, quem vai ficar mandando nela sou eu.

DÁ UM GRANDE ABRAÇO EM CANTIDIA E FAZ UM GESTO DE MÃO COM O DEDO PRA CIMA.

GEGE - Está pra nós tia.

DESPRENDE-SE DE TIA CANTIDIA E VEM BEIJAR TIA CANDINHA QUE O RECEBE RISONHA E ENCANTADA.

GEGE - Já vi que a senhora é turma.

COM UM GESTO DE DEDO CHAMA CANTIDIA QUE SE APROXIMA DELE. ELE FAZ COM QUE ELA SE AGACHE ATÉ FICAREM AS CABEÇAS NA MESMA ALTURA, JUNTA AS DUAS VELHAS UMA DE CADA LADO E DIZ EM TOM DE SEGREDO E COM CARA DE MAROTO.

P.A/ dos TRES

GEGE - Nós três vamos fazer misérias!

OS TRES RIEM COM VONTADE.

APROXIMAÇÃO até G.G. de GEGE.

AUDIO - SUFIXO MUSICAL

13a) - TV PIRATINI apresentou

14a) - Em Nosso Teatrinho

15a) - TIA CANDINHA

16a) - Assistente Antonio Fagundes,

17a) - Suite Jorge Teixeira

18a) - História e Realização de

ÉRICO CRAMER.

AUDIO - DISSOLVE

ESCURECIMENTO.